ISSN: 2358-8829

MULTILETRAMENTOS & OLHARES GEOGRÁFICOS: OUSANDO POSSIBILIDADES E DELINEANDO INTERDISCIPLINARIDADE EM UMA ESCOLA RURAL

Henrique Lamarca Marciano[1]
Kátia Cristina Candido Aquino Marciano [2]

INTRODUÇÃO

O relato apresentado no XII CONEDU teve origem em uma experiência didático-pedagógica, instigada pelo cenário bucólico, em uma escola rural – Escola Municipal Coronel Emílio Esteves dos Reis, no Distrito de Humaitá, em Juiz de Fora – MG. Consideradas as dificuldades de localização e de relato de trajetos, até mesmo simples, no referido território e, tendo em vista a necessidade de se consubstanciar um olhar que, de fato, transpusesse o óbvio, ampliando as diversas formas de letramento, desencadeou-se uma proposta capaz de inter-relacionar elementos geográficos e de linguagem.

Tal propósito presumia o transitar dos educandos das turmas dos anos finais pela localidade, atendendo a determinados comandos, bem como previa que estes fossem capazes de retratar/relatar o caminho percorrido, de forma cada vez mais hábil. Esse *quefazer* propiciou o extrapolar de sentidos, delineando correlações com elementos do entorno da unidade escolar, até então meramente triviais em seu cotidiano. Segundo Milton Santos (2009), "o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá." (Santos, 2009, p. 63).

[1] Graduando do curso de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF/MG;Administrador público pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF/MG, marcianorique@gmail.com
[2] Doutoranda em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – PPGEduc/UFRRJ, Mestra em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), docente efetiva das redes estadual e municipal de ensino – Juiz de Fora (MG); líder de projetos e formadora da Fundação Getúlio Vargas, pelo Programa “Escola de Gestão Municípios” (EFAPE/FGV), membro do GEPEJA/UFRRJ, membro do FOMEJA/MG katiaaquinoeja2024@ufrrj.br ;

A ludicidade e a apuração do olhar geográfico, pautando-se no reconhecimento local e na constituição identitária dos sujeitos, entrecruzados a práticas linguísticas, estimuladoras de múltiplos letramentos, consolidou ousadas INOVações curriculares e subsidiam-se no seguinte aporte teórico: Bauman (2005), Kleiman (2005), Rojo (2012), Santos (2009), Massey (2008), Corrêa (2013) e Sacristán (2013).

O aparato metodológico se constitui de aula dialogada; percursos interativos; narração de percursos; criação de registros de andarilhagens, dentre outros. Trata-se de uma experiência em andamento, que já destaca, no entanto, uma visível ampliação na capacidade de localização, aprimorando mobilidade, a partir de roteiros que, permutados entre colegas, impulsionam a leitura, a escrita e a aprendizagem também em outras áreas, denotando o valor da interdisciplinaridade neste processo. Assim, corrobora a ideia de que aprimorar o olhar geográfico, *in loco*, fomenta o processo de (multi)letramentos, contribuindo para a conquista da cidadania, à medida que se apre(e)nde o espaço habitado, de forma concreta e abstrata.

A práxis educativa em contextos rurais frequentemente se defronta com o desafio de suplantar abordagens pedagógicas descontextualizadas, que tendem a invisibilizar as dinâmicas territoriais, culturais e simbólicas do meio em que a escola se insere.

A dificuldade de correlação entre abstrato e concreto, na apropriação do *locus* geográfico, evidenciou a necessidade de consolidar um dispositivo didático capaz de transpor a apreensão ingênua do espaço. Trata-se de mover os estudantes de uma percepção automatizada e passiva de seu entorno para uma postura investigativa, transformando elementos corriqueiros da paisagem rural em objetos de reflexão e significação.

O desenho de uma proposta interdisciplinar articulada entre a Geografia e a Linguagem, pautada pelo trânsito orientado dos alunos pela localidade, foi uma estratégia que visou articular aspectos evidentes a detalhes imperceptíveis no cotidiano. A partir do cumprimento de comandos específicos e da elaboração de relatos e representações de itinerários, estimulou-se o refinamento da percepção espacial e a ampliação das capacidades expressivas, consolidando o que se configura como uma inovação curricular ancorada no território.

Palavras-chave: Multiletramentos; olhares geográficos; interdisciplinaridade; escola rural.

METODOLOGIA

A abordagem, aqui apresentada, coloca em foco o currículo em ação, envolvendo um aparato metodológico que se pauta em andarilhagens pedagógicas. A materialização dessa

proposta pressupõe uma concepção de currículo que não se limita aos manuais instrucionais ou às prescrições burocráticas. Aderindo ao pensamento de Gimeno Sacristán (2013), entende-se o currículo como uma práxis viva, moldada na experiência e reconstruída no cotidiano da sala de aula. A inovação curricular manifesta-se no momento em que os limites da arquitetura escolar tradicional são tensionados, transformando o território do Distrito de Humaitá em espaço de aprendizagem.

O aparato metodológico mobilizado articulou dispositivos didáticos complementares: aulas dialogadas (momentos de problematização inicial e sistematização posterior, nos quais as hipóteses e observações dos estudantes são confrontadas, reelaboradas e conectadas aos conceitos geográficos e linguísticos); percursos interativos (deslocamentos intencionais pela localidade, orientados por comandos específicos que desafiam o olhar automatizado e exigem atenção aos marcos espaciais, geomorfológicos e culturais); narração de percursos (exercício oral e escrito de reconstrução temporal e espacial do trajeto percorrido, estimulando a coesão, a coerência e a precisão vocabular na descrição espacial); registros de andarilhagens (elaboração de produções multissemióticas - croquis, mapas mentais, diários de campo, relatórios narrativos - que registram a percepção sensível e analítica do espaço.

A dimensão lúdica impregnada nesses dispositivos atua não como mero passatempo, mas como catalisador do engajamento cognitivo e afetivo. O ato de "andarilhar" transforma-se em um procedimento de investigação empírica e poética, em que a caminhada pedagógica funciona como instrumento de leitura e escrita do mundo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ludicidade e a apuração do olhar geográfico, pautando-se no reconhecimento local e na constituição identitária dos sujeitos, entrecruzados a práticas linguísticas, estimuladoras de múltiplos letramentos, consolidou ousadas INOVações curriculares e subsidiam-se no seguinte aporte teórico: Bauman (2005), Kleiman (2005), Rojo (2012), Santos (2009), Massey (2008), Corrêa (2013) e Sacristán (2013).

A construção do olhar geográfico deve correlacionar espaço, lugar e percepção. Assim, o aprofundamento das questões geográficas suscitadas pela experiência exige a superação da noção de espaço como mero receptáculo estático das ações humanas. Sob a ótica de Milton Santos (2009), o espaço geográfico constitui um sistema indissociável de objetos e ações, no qual a paisagem apreendida ganha sentido, à medida que é vivenciada e corporificada pelas

práticas sociais. No contexto de Humaitá, o espaço rural, frequentemente reduzido a uma dimensão contemplativa, passa a ser lido em sua densidade histórica, social e técnica.

As contribuições de Doreen Massey (2008) dialogam, complementarmente, sobre a espacialidade relacional auxiliando na compreensão de que o espaço é a dimensão da coexistência da multiplicidade. Para a autora, os lugares não são entidades fechadas ou estáticas, mas sim intersecções de trajetórias, encontros e relações em permanente construção. Ao percorrerem a localidade sob intencionalidades pedagógicas, os estudantes experimentam o espaço como produto de inter-relações, transformando o "espaço geográfico" abstrato em lugar — categoria imbuída de afetividade, pertencimento e memória.

Apreender, analiticamente, o entorno presume também o suporte de Roberto Lobato Corrêa (2013), no tocante às formas, processos e representações espaciais. A dificuldade inicial dos educandos em relatar caminhos simples revela uma fragilidade no processo de espacialização e na estruturação de esquemas mentais de representação do território. A proposta pedagógica atua, precisamente, na mediação entre a experiência corporal de deslocamento e a sua conceptualização simbólica. O entorno da unidade escolar, outrora percebido como trivial e transparente, passa a ser decomposto e reconstruído, conceitualmente, por meio do refinamento do olhar geográfico.

A dimensão linguística da proposta não se restringe à mera codificação e decodificação do texto verbal, mas alinha-se ao paradigma dos letramentos como práticas sociais, formulado por Angela Kleiman (2005). Sob essa lente, o letramento ultrapassa o domínio das habilidades psicomotoras e mecânicas da escrita para se configurar como um conjunto de práticas situadas, por meio das quais os sujeitos utilizam a linguagem para construir sentidos, exercer agência e interagir com o meio sociocultural.

No cenário contemporâneo, marcado pela pluralidade de linguagens e suportes, a abordagem dos multiletramentos, desenvolvida por Roxane Rojo (2012), oferece a fundamentação necessária para compreender a diversidade de registros gerados pelos estudantes durante as andarilhagens. A narração de percursos e a criação de diários de itinerário exigem o entrecruzamento de diferentes modalidades de linguagem (verbal, icônica, cartográfica, oral). Essa multiplicidade linguística desafia os alunos a traduzir sensações corporais, marcos visuais e memórias do percurso em textos organizados e comunicáveis.

A articulação entre espacialidade e linguagem impacta, diretamente, a constituição identitária dos sujeitos. À luz das reflexões de Zygmunt Bauman (2005) sobre a fluidez dos pertencimentos na modernidade, a construção da identidade local revela-se um processo

dinâmico que exige ancoragem e reconhecimento. Em contextos rurais, a valorização do saber territorial e a capacidade de narrar a própria realidade constituem vetores decisivos contra o sentimento de marginalização ou apagamento cultural. Quando o educando assume o papel de narrador do seu próprio chão, ele reafirma sua identidade e se localiza, criticamente, no mundo.

Essa premissa nos reporta, diretamente, a um significativo pensamento freireano:

> Estudar é um que-fazer exigente em cujo processo se dá uma sucessão de dor, Que prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvidas e de alegria [...]. Ou aderimos ao estudo como deleite, ou o assumimos como necessidade e prazer ou o estudo é puro fardo e, como tal, o abandonamos na primeira esquina (FREIRE, 1997, p. 28).

Essa experiência extrapola os muros da escola e extrapola sentidos, ousando subverter conceitos, até então, estabelecidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação de uma proposta pedagógica focada no trânsito orientado pelo território rural e na articulação entre Geografia e Linguagem gera desdobramentos qualitativos que ultrapassam o ambiente de sala de aula.

A citar, inicialmente, quanto à apuração do olhar geográfico, em sua dimensão espacial e cognitiva, fazendo emergir, como resultados observáveis: a evolução no raciocínio espacial dos estudantes, evidenciada pela transição de descrições genéricas para relatos detalhados de itinerários; superação do analfabetismo cartográfico e espacial; capacidade de elaborar e interpretar croquis, mapas mentais e sinalizações locais no Distrito de Humaitá.

A referida experiência demonstra que o espaço geográfico deixa de ser um mero plano de fundo passivo e converte-se em objeto de reflexão e análise. De acordo com Massey (2008), "se o tempo é a dimensão na qual as coisas se sucedem, o espaço é a dimensão da multiplicidade na qual as coisas coexistem. [...] O espaço é o produto de inter-relações." (Massey, 2008, p. 29).

A expansão dos multiletramentos, na dimensão da linguagem, é um outro aspecto substancial nas inter-relações, evocando como resultados observáveis: o aprimoramento da coesão e coerência, na produção textual oral e escrita; apropriação de vocabulário técnico e descritivo; articulação entre diferentes modalidades semióticas (texto verbal, desenho, representação espacial, narrativa oral). Isso propicia à prática da linguagem, de forma

contextualizada, a corporeificação da função social concreta, conduzindo aos multiletramentos. Nessa perspectiva, Kleiman (2005) salienta: "o letramento não é apenas um conjunto de habilidades individuais de leitura e escrita, mas um conjunto de práticas sociais de uso da escrita em contextos específicos de interação." (Kleiman, 2005, p. 18).

No que tange à dimensão pedagógica, ergue-se a inovação curricular e a práxis interdisciplinar que apresenta como resultados: o rompimento com a rigidez da aula expositiva tradicional; engajamento ativo dos discentes por meio da ludicidade e da pesquisa de campo; integração efetiva entre os campos do saber (Geografia e Língua Portuguesa). Ao se extrapolar os limites físicos, o território efetiva-se como espaço educador, ressaltando a metodologia das andarilhagens como uma prática plausível, na forma de um currículo praticado e vivo, pautado na investigação e no diálogo com a comunidade. Seguem, abaixo, alguns registros do Distrito de Humaitá e de interações, no contexto da proposta pedagógica:

FIGURA 1 – Vista aérea do Distrito de Humaitá



Fonte: Facebook. Disponível em: Humaitá - Juiz de Fora | Juiz de Fora MG | Facebook Acesso: 22/10/26

FIGURA 2: Igreja da Padroeira da Localidade, Santa Maria Eterna – Centro do Distrito



Fonte: Instagram. Disponível em: Instagram Acesso: 22/10/26.

ISSN: 2358-8829

FIGURA 3: Registro de alguns alunos em suas andarilhagens com olhares geográficos – 8º ano



Fonte: Acervo pessoal – Montagem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na Escola Municipal Coronel Emílio Esteves dos Reis demonstra a viabilidade e a potência de propostas interdisciplinares ancoradas na realidade rural. Ao integrar o estudo do espaço geográfico à ampliação dos múltiplos letramentos, a intervenção pedagógica intencionou promover o salto qualitativo da percepção ingênua para a consciência territorial crítica.

Os educandos não apenas aprimoraram sua habilidade de espacialização e orientação, como também desenvolveram competências expressivas complexas, assumindo o protagonismo na narração de seus trajetos e de sua história. A fundamentação teórica mobilizada confirma que a inovação no currículo não decorre, necessariamente, da incorporação de aparatos tecnológicos sofisticados, mas sim da reconfiguração da práxis docente, da valorização do território e da oferta de experiências de aprendizagem significativas, humanas e emancipatórias.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2013.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso "ensinar" o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Parely e Sérgio Koch. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.